

na linha quebrada da nossa época...

1
Devemos cultivar muito a simpatia, isto é, o participar tanto nas alegrias como nas dores dos outros. O que não quer dizer que se deva cair na defesa da simpatia pela simpatia, na simpatia como fim de tudo. Não sendo mais que um dos aspectos do homem, ela deve em todos os casos servir-nos. Não, porém, para a obtenção de lucros. O que ela deverá servir é o progresso do mais valioso capital, o capital humano.

2
Os professores precisam de pensar muito nos exemplos de que terão de servir-se. Cada um deve ser um ninho de possibilidades. E deverão ser muitos, ser variados e vivos, isto é, próximos das mais fundas preocupações do aluno: as suas necessidades e as suas aspirações.

3
Um dos problemas que precisamos de estudar em todos

os aspectos é o da organização científica do trabalho. Estudo com importância para que se vá tomando consciência da realidade e de aplicações imediatas para se ir estabelecendo harmonia entre os gastos de energia e os descansos reparadores. Importantíssimo ainda e sobretudo para o futuro, porque investigando a sua relação com a sociedade poderemos então esgotar-lhe todas as possibilidades. Por isso os resultados não serão apenas aqueles que alguns têm atingido por meio do Taylor. Serão resultados vastíssimos para todo o progresso do homem.

4
A rigidez na história é muitas vezes uma técnica para estancar. E como nesses casos se opõe ao ritmo diamético do desenvolvimento histórico, embora vença durante um curto período, ela é sempre no fim de contas vencida. Mas essa vitória, esse ultrapassamento, só se dá se a *negarmos* com uma que se lhe oponha. Eis porque só uma rigidez é progressiva: aquela que lutando contra a rigidez que estanca, supera a etapa histórica antecedente.

A CHINA, o seu passado e o seu presente SOL

(Continuação da página anterior)

cionário foi organizado. Os chefes do Komin-tem apoiaram o movimento nacionalista na China esperando converter, a pouco e pouco, a China ao comunismo. A razão fundamental do seu fracasso em realizá-lo foi que o comando do Kuomintang era burguês e os chefes mataram um grande número dos seus aliados comunistas apenas puderam dispensar os seus serviços.

Depois da morte de Sem-Yat-Seu em 1925, o exército do Kuomintang sob o comando de Chang-Kai-Shek partiu de Cantão para o Norte na primavera do ano imediato e pelo outono de 1928 tinha arrebanhado Hankou, Nankim, Shanghai e a velha capital, Pekim, ao partido.

De acordo com o desejo do falecido Sem-Yat-Seu, que era agora considerado como o profeta da nova era, a capital foi transferida de Pekim para Nankim, tanto com o fim de simbolizar o rompimento com o passado como para estabelecer o «Governo Central» numa posição mais (central) vantajosa.

A unificação não ficou imediatamente completada; havia comandantes militares nas províncias que tinham estado durante muitos anos a governar despoticamente e que recalcitavam ao aceitar ordens, e ao entregar rendimentos também, de um governo supremo da nação; havia ainda os comunistas que, tendo lutado como aliados do Kuomintang nas primeiras etapas do avanço desde Cantão, e que acabaram por fundar um estado independente, chamado República Soviética Chinesa, estavam em guerra com o governo de Nankim.

Mas parte suficiente do país estava sob o controle de Nankim para tornar possível aos reformadores realizar os seus planos de modernização do país.

A primeira e a mais urgente de todas era estabelecer um sistema efectivo de comunicações.

A China é não só um vasto país, mas também (e aqui difere do Japão) a maior parte da China encontra-se muito longe de qualquer costa marítima; a não ser que, por isso, a China tivesse de continuar a ser um conjunto de províncias e distritos mais ou menos isolados—tinha de ser entrelaçada por caminhos de ferro, estradas e linhas aéreas. A construção de caminhos de ferro tinha sido feita durante o período das guerras civis; era agora estimulada com grande vigor, e particularmente foi completado o caminho de ferro Pe-

kim-Cantão, de modo que a China veiu a ter uma grande linha principal através do país de Norte a Sul. Ao mesmo tempo estradas, percorridas por camiões e auto-carros, começaram a substituir o antigo sistema de pistas de carroções entre as principais cidades, e aviões abriram serviços de passageiros para os lugares mais remotos, reduzindo muitas vezes o que dantes era um mês de viagem a algumas horas. Em alguns distritos os habitantes familiarizaram-se com os aeroplanos antes de ter posto os olhos sobre um automóvel, uma bicicleta ou um comboio. Esta ordem de introdução das coisas do mundo moderno foi de facto o sistema em muitas partes da Ásia. Diz-se mesmo que o povo de uma região que tinha forjado uma palavra na sua linguagem para designar um avião, viu depois automóveis pela primeira vez e chamou-lhes «aviões-que-correm-aolongoda-terra».

Os auto-carros e aviões, destruindo o isolamento de pequenas cidades e aldeias, operaram incomparavelmente mais do que uma simples mudança de governo, alteraram a vida das massas através da China e criaram uma nova consciência nacional, e um novo sistema de comunicação com o seu número rapidamente crescente de escolas e colégios foi também dirigido no sentido de tornar os chineses conscientes da nacionalidade. Usou-se de um tipo, forma simplificada da linguagem chinesa para toda a China e fizeram-se esforços para beneficiar o sentido de unidade nacional, como complemento para munir a nação restaurada com pessoal adestrado em todos os campos de actividade.

Enquanto um firme alicerce para a força nacional e progresso económico estava assim sendo construído, os homens de Estado chineses dedicaram-se à tarefa da reconstrução financeira.

Quando o governo de Nankim foi instaurado, o sistema monetário e os rendimentos públicos encontravam-se num estado caótico; muitas espécies diferentes de notas e moedas andavam em circulação e nada havia que pudesse, ser chamado, com propriedade, um orçamento nacional. Mas o novo governo central pouco a pouco fez sair a ordem da confusão e em 1936 empreendeu uma reforma do sistema monetário que tornou, mais uma vez, possível para a China receber créditos do estrangeiro.

C. K. WEBSTER

(Introdução a uma série de artigos de G. F. HUDSON, na revista inglesa «The Listener»)

Nascente E A IMPRENSA

Transcrevemos de «Portugales», vol. XII, Março-Abril de 1939:

«Tem levado vida difícil—o que é o destino mais certo das publicações independentes. A entrada do 3.º ano, e depois de remodelação dos serviços administrativos, propõe-se sair ao menos uma vez por mês, sem deixar de ter em vista voltar ao seu ritmo quinzenal. Desejamos que esta revista do pensamento jovem» consiga vencer a crise porque está passando, visto que a consideramos um dos órgãos mais representativos de boa parte da última geração literária portuguesa, ainda não definida com precisão, mas com existência suficientemente provada». Agradecemos estas palavras de boa camaradagem.

O «Norte Desportivo», «O Comércio do Porto» e «A Horta Desportiva», também se referiram em termos elogiosos a «Sol Nascente».

O nosso camarada «O Diabo» transcreveu do último número a nota «Pensamento» e a «Cultura» acompanhada de amáveis comentários.

O mesmo semanário tem-nos afirmado a sua solidariedade através de várias notas de incitamento e aplauso. Transcrevemos do n.º 244: «Sol Nascente» surge-nos como uma revista de pensamento equilibrado e que vai ao encontro dos problemas humanos mais instantes. Este número, dedicado à Cultura, é uma afirmação de trabalho crítico sério e honesto que se propõe fazer os rapazes do Norte. Neste número «Sol Nascente» vinca a sua posição, afirmando-se como o porta-voz de uma geração que repudia o modelo de «clero», pedido por Benda, do «clero» afastado das paixões humanas, da vida de luta, de trabalho, do labor político do homem».

Agradecemos.